

## **Santidade feminina e gênero: reflexões acerca do discurso religioso sobre**

### **Santa Rita de Cássia**

Raquel dos Santos Sousa Lima<sup>i</sup> - PPG-UFF/UFV

A santidade, segundo o verbete retirado do *Dicionário Crítico de Teologia*, só pertence a Deus: “Ela designa o brilho de sua potência, a perfeição de seu ser. Só ele tem o poder de fazer participar de sua santidade aqueles que ele chama para viver em sua presença”.<sup>ii</sup> Em geral, o conceito de santidade remete a aspectos comuns como: um distanciamento do profano e uma aproximação – geralmente direta - com o divino; um poder sobrenatural e uma condição de distinção, que faz uma pessoa ser santa.

O conceito de santo e o ideal de santidade “se configura segundo a época, a instituição e o campo de crença ou conhecimento em que ele implica”.<sup>iii</sup> Assim, apesar da palavra ‘santo’ ser usada de forma geral para uma comunidade de pessoas consagradas, o seu significado variou no tempo e no espaço.

Para o historiador Jacques Le Goff ser santo significa ser “um contato entre o céu e a terra. É, acima de tudo, um morto excepcional, testemunho da ‘carne impassível’, e cujo culto se desenvolve em torno do seu corpo, do seu túmulo e das suas relíquias. É também o homem das mediações bem sucedidas, um apoio para a Igreja e um exemplo para os fiéis”.<sup>iv</sup>

Já para o hagiógrafo Donald Attwater o santo é “aquele que merece o título de honra e de respeito, usado individualmente para pessoas que se distinguiram entre os seus irmãos cristãos, pelo grau de devoção a Cristo e como recomendação de veneração pública dos fiéis”.<sup>v</sup>

Segundo Maria de Lourdes Santos essas duas concepções aproximam-se de algumas definições da doutrina eclesiástica. Segundo esta os santos seriam “aqueles que imitaram fielmente a pobreza de Cristo e que o exercício incomum das virtudes cristãs e o carisma divino recomendou à devoção piedosa e imitação dos crentes (C.A. *Divinus Perfectiones Magister*)” e ainda “os principais heróis do cristianismo e modelos para a vida cristã, pois mostram caminhos, abrem pistas de santidade, apontam ideais, inspiram coragem e imploram favores divinos”.<sup>vi</sup>

Segundo Conti, para cada época houve um modelo de santidade, conforme as necessidades do tempo histórico. Os primeiros santos foram os mártires, como Paulo e Pedro, que morreram em defesa da fé nos primórdios da Igreja. A partir da oficialização do cristianismo, por volta do século IV, com o crescimento das dioceses, surgiu uma nova 'categoria santoral': os abades e cardeais. No século VII, momento em que a Igreja vivenciou um período de alianças com a nobreza, foi comum o aparecimento dos "nobres" santos, isto é, a santificação de homens da nobreza que eram reconhecidos por terem prestado serviços à fé católica. Séculos depois, com a reforma gregoriana, que tentou desvencilhar a Igreja do poder laico, a santidade passou a ser vinculada à vida sacerdotal (modelo do clero, principalmente aquele mais relacionado ao ideal de pobreza e de humildade). Enfim, num período mais contemporâneo, a partir do século XVIII mais especificamente, surgiram novos modelos de santos, mais relacionados ao cotidiano das pessoas, às figuras modernas e familiares.<sup>vii</sup>

Quanto à canonização de mulheres, Maria de Lourdes Santos afirma que até o século XIX ela representava cerca de 20% do total.<sup>viii</sup> Ou seja, o elemento clerical e masculino foi privilegiado no rol da santidade. Um número aproximado deste também foi apontado por Yves Lacoste: "dentre os santos canonizados pelos papas entre os séculos X e XIX, as mulheres representam apenas 16%, dentre as quais apenas umas dez mães de família, a maior parte delas de origem real".<sup>ix</sup>

Considerando esses dados, a canonização de Santa Rita se destaca por vários fatores. Primeiro, não apenas por ela ter sido mulher, mas, principalmente, por ter sido casada e mãe, antes de entrar para o mosteiro. Isto é, o modelo da sua santidade fugia daquele estereotipado para as santas, que em geral eram jovens, virgens na sua maioria, e que tinham entrado nos conventos ainda meninas, onde permaneceram até a morte. Além disso, Rita não tinha sido fundadora de nenhuma ordem ou congregação religiosa, nem tinha sido uma mística dedicada exclusivamente aos êxtases espirituais, nem uma doutora da Igreja, como foram Teresa de Ávila ou Catarina de Siena.<sup>x</sup>

Tendo vivido numa pequena aldeia da província italiana de Cássia entre os séculos XIV e XV, Rita teve sua existência marcada pela submissão – primeiro aos pais, depois ao marido. De família humilde e católica, seu desejo era seguir a vida religiosa. Mas por obediência aos pais, muito jovem casou-se com Paulo Fernando, um rapaz “pervertido, cheio de vícios e violento”. Com ele teve dois filhos, constituindo sua família. No entanto, as hagiografias apontam que sua vida fora muito sofrida já que tivera muitos problemas com o marido, além de ver falecerem seus dois filhos. Depois da morte do marido e dos filhos, Rita entrou para o Convento das Agostinianas de Cássia, onde passou o resto da sua vida, dedicando-se à devoção do Cristo Crucificado e impondo-se sacrifícios e inúmeras provações. Nas imagens desta santa o que a distingue das demais é um estigma encontrado na sua fronte. Segundo sua hagiografia, Rita teria pedido a Cristo para compartilhar das suas dores e obteve a ferida, provocada por um espinho da coroa de Cristo que a acompanhou pelo resto da vida, como resposta.

Sua vida foi tratada pela Igreja Católica como um grande exemplo para as mulheres. O Papa Leão XIII, em 24 de maio de 1900, após a cerimônia solene da canonização, teria afirmado: “Alegrai-vos, hoje, filhos de Santo Agostinho. Já vedes realizada a canonização mais solene dos tempos modernos. Imitai vossa Irmã: propagai sua devoção, levai-a ao seio de todas as famílias. Oh! que imitem a Santa Rita as mulheres de nosso tempo”.<sup>xi</sup>

Mas que tempo era este? Uma ampla historiografia aponta que o século XIX<sup>xii</sup> foi um momento decisivo na consolidação de uma nova ordem econômica, política, social e cultural no ocidente europeu. Revolução Industrial, capitalismo, nacionalismo, liberalismo, socialismo, evolucionismo, bem como outras mudanças nas relações sociais, nas crenças religiosas e nas práticas culturais acabaram por reduzir a influência do poder religioso e eclesiástico no âmbito do domínio político público.

Negando as novas correntes de pensamento liberais, burguesas, nacionais e socialistas, a partir do pontificado de Pio IX (1846) a Igreja passou por um processo conhecido como romanização, marcado por uma preocupação maior com as questões de

ordem espiritual. Assim, promoveu uma reforma do clero e o crescimento das ordens e congregações religiosas, visando ampliar a devoção dos fiéis.

Em 1870 o Concílio Vaticano I confirmou o dogma da infalibilidade do papa, que passou a interferir mais diretamente nas questões doutrinárias e teológicas e cuja autoridade tornou-se inquestionável. Ildefonso Laraña afirma que o centro da polêmica religiosa daquele século foi a perda do antigo papel que a Igreja tinha como inspiradora das leis e das instituições para as organizações políticas laicas, fazendo com que a religião ficasse reduzida à esfera da vida privada<sup>xiii</sup>.

Nesse contexto, muitos homens que desde o século XVIII vinham tornando-se anticlericais passaram a abandonar a Igreja. Assim, esta precisou mudar o que falava *das* mulheres e *para* as mulheres e passou a repensar o caráter feminino (sem abandonar a antiga concepção de sua inferioridade), jogando para as mulheres a responsabilidade como progenitoras de uma nova época, de novos homens, cujas vidas deveriam ser preparadas no seio de uma família moderna.<sup>xiv</sup> Seu núcleo seria o lar, exaltado como melhor lugar de felicidade e, a casa, lugar privado e protegido contra as influências do pensamento que vigorava fora de seus muros externos. Espaço de autonomia da mulher, ali a mãe deveria velar pelos seus filhos, pelo seu marido, sendo a guardiã moral do grupo familiar: “ser outro, para outro, através do outro”.<sup>xv</sup>

As concepções de fragilidade e sensibilidade, tidas como características elementares da natureza feminina, passaram a ser valorizadas e associadas às de sentimentalidade. Em outras palavras, a mulher teria uma disposição para a piedade sentimental, típica da devoção feminina.

Mas o século XIX também seria conhecido como o da Mariologia e foi sobre o valor da pureza que se erigiu o modelo feminino da perfeição virginal. E Maria, além de virgem, também tinha sido mãe, o modelo de mãe. E foi para elas que a Igreja intensificou o seu discurso.<sup>xvi</sup>

Em 1880 Leão XIII divulgou a Encíclica *Arcanum*, na qual respondia aos ataques laicos contra o matrimônio e reiterava o poder do homem no casamento: “o homem é a

cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja”. Mas a Instituição, segundo Michela de Giorgio, reconhecia que a vida matrimonial podia ser um martírio para as mulheres e, às esposas, pedia submissão e espírito de abnegação. Os aspectos afetivos – e menos ainda os aspectos sexuais – do amor conjugal não eram abordados pela Igreja, mas sim os deveres conjugais, aos quais a esposa não poderia negar-se: “o marido é uma dádiva de Deus que conduz a mulher, através do sacrifício, à santidade”.<sup>xvii</sup> Oração, sacrifício, era isso que se pedia às esposas e às mães. Nesse sentido, a identificação social feminina não poderia prescindir do exemplo das santas.

Foi naquele contexto que o processo<sup>xviii</sup> para a santificação de Rita de Cássia tomou impulso, culminando na canonização em 1900. A maioria das hagiografias não falam muito de sua vida de adolescente e de noiva. Porém, sobre a vida de casada os relatos enfatizam que o relacionamento de Rita com o marido foi permeado pela submissão a ele. Resignando-se às suas vontades, ela teria tido uma existência marcada pela dor e pelo sofrimento, sobretudo em função da agressividade e violência daquele. Conta-se que, depois de muito orar a Deus, Rita obtivera o arrependimento do marido, que se converteu. No entanto, como era um homem cheio de inimigos, ele foi assassinado pouco tempo depois de ter se convertido. Michela de Giorgio afirma que a longa expiação de castigos conjugais impostos por um marido ‘fera selvagem’ e o “digno distanciamento em relação a outras vítimas do casamento foram idéias que desempenham um papel importante nas biografias novecentistas da Santa”, que “mantinha-se longe do cochichar dos círculos femininos sobre a maldade dos homens”<sup>xix</sup>.

Essa questão é bem ressaltada em várias hagiografias e santinhos. *O livro dos santos – 365 biografias dos santos mais conhecidos*, narra a vida de Santa Rita da seguinte maneira: “não é de hoje que existem mulheres vítimas de violência dentro de suas próprias casas, sofrendo agressões físicas e morais de seus maridos. No século XIV, a jovem italiana Rita de Cássia já era uma delas”<sup>xx</sup>. Sua biografia é apresentada neste livro em apenas uma página; é curta, mas profundamente significativa, já que termina afirmando que “a tranquilidade e paciência com que Rita de Cássia suportou os ultrajes do marido garantiram-

Ihe o merecimento de levar o resto de seus dias da maneira como sempre sonhou. É assim que devemos procurar agir quando as adversidades forem tantas, a ponto de nossas metas parecerem inatingíveis. Se continuarmos tentando com obstinação, sem revolta ou ansiedade, os caminhos vão se abrir para que o melhor nos aconteça”. Percebe-se, nesse trecho, que o fato de ter sido paciente e tranqüila fez com que ela ganhasse uma recompensa posteriormente. Era isso que se esperava das mulheres naquela época: paciência e resignação.

Na obra *Vida de Santa Rita*, de Aloísio Teixeira, encontramos outro trecho muito interessante, em uma das partes intitulada “Santa Rita dos nossos dias”, onde o autor, no início do texto, já faz a seguinte pergunta: “O que a vida de Santa Rita tem a dizer ao mundo de hoje?”<sup>xxi</sup>. Ele responde afirmando que, apesar de tantos feitos extraordinários ocorridos na vida de Santa Rita, não foram eles que a santificaram, mas que “Rita se santificou pela admirável normalidade de sua existência cotidiana, como esposa e mãe, depois como viúva e, por fim, como monja”.

Mais adiante, o autor interroga: “que meios ela nos indica para também alcançarmos a santidade?” Mortificação, oração, sofrimento, resignação e paciência são os meios sugeridos por ele. E assim continua: “Amar a Deus e ao próximo, sofrer por Deus e pelo próximo. Não foi isso que fizeram os santos? (...) Na pessoa de Rita, a Igreja quer agradecer a todas as mães sofredoras. São elas – e quantas! – que espalham pelo mundo a devoção à Santa e a tornam, talvez, a mais popular das santas. Que Deus abençoe todas as mães, porque elas, quando ganharam um filho, ganharam uma cruz também”.<sup>xxii</sup>

Mais uma vez, percebe-se como Rita de Cássia incorporava o papel da nova mãe, numa época em que o “mito do amor materno” se consolidava. Segundo Elizabeth Badinter, “já não se falava mais da maternidade senão em termos de sofrimento e de sacrifício, deixando-se, por lapso ou esquecimento voluntário, de prometer a felicidade que deveria ter sido a sua decorrência natural”.<sup>xxiii</sup>

Rita fora mãe e, sobretudo, uma sofredora. Conta-se que, ao saber que seus dois filhos falavam em vingar a morte do pai, ela passou a pedir, em oração diante do Cristo

Crucificado, que “se fosse para seus filhos se tornarem assassinos que Ele os levasse embora”. De fato, dentro de pouco tempo eles faleceram. Esse é o modelo da mãe que sofre pelos filhos, tal qual Maria. Segundo Badinter, era preciso esquecer de si: “e esse esquecimento de si eleva a boa mãe acima da condição humana, espontaneamente egoísta. Ela torna-se, portanto, uma santa porque o esforço exigido é imenso. Mas, contrariamente às vocações religiosas, que são livres e voluntárias, a vocação materna é obrigatória (...) todas as mães têm a mesma missão: sacrificar sua vontade ou seu prazer para o bem da família”.<sup>xxiv</sup>

Analisando o discurso feito sobre Santa Rita de Cássia à luz dos estudos de gênero somos levados a crer que os relatos sobre sua vida ajudaram a hierarquizar, no âmbito religioso, os papéis sociais normatizadores das relações entre homens e mulheres.

Considerando o conceito de gênero formulado por Joan Scott, cremos que o discurso sobre Santa Rita de Cássia estaria profundamente relacionado à tentativa da Igreja legitimar um novo lugar social feminino no século XIX. No mundo social, caberia às mulheres serem mães e esposas, submissas à vontade do marido, como Rita. Assim elas contribuiriam para o bom ordenamento da sociedade, num momento em que o mundo se tornava menos religioso, pelo menos para eles, que passaram a ocupar o lugar público. Nesse sentido, o discurso religioso pode ser visto como repleto de poder. Poder que definia a submissão feminina como característica inerente da mulher, porque baseada na sua inferioridade natural, dada por Deus na Criação. Decorrente dessa idéia, na escalada social dos poderes atribuídos a homens e mulheres, a elas cabia o domínio do lugar privado, a casa, onde poderiam e, sobretudo, deveriam, exercer plenamente o poder e o papel de esposa e mãe.

Além de Scott, também Pierre Bourdieu contribui para se pensar a questão de gênero nos discursos normativos. Considerando que o discurso católico é masculino, assim como grande parte do discurso científico e jurídico, Bourdieu afirmou com muita propriedade: “ser, quando se trata da mulher, é (...) ser percebida e percebida pelo olhar masculino ou pelo olhar de alguém habilitado pelas categorias masculinas”.<sup>xxv</sup>

Nesse sentido, o que os homens da Igreja escreveram para as mulheres foi fruto daquilo que queriam ver nelas – um suporte para a religião, que começava a sofrer golpes importantes com a laicização do mundo. Era preciso destinar um lugar especial a elas, que iriam ensinar os novos homens, ajudando assim na construção e manutenção da ordem social. Naquele século, a religião seria considerada coisa de mulher. Esta continuou sendo associada a uma biologia e a uma estratificação social inferiorizada, que ajudou a empurrar o conjunto delas para o domínio privado do lar e para os papéis sociais relacionados com ele, universo único onde seria possível manter o seu espírito e o seu corpo, inferiores e pecaminosos, resguardados da perdição. Para si e para os outros.<sup>xxvi</sup> Diante disso, nada melhor que uma Santa que fora esposa e mãe, abnegada e sofredora, além de Protetora das Causas Impossíveis, para mostrar às mulheres, como em geral os santos deveriam fazer, os caminhos ideais a serem seguidos.

---

<sup>i</sup> \* Professora do CAP-COLUNI / UFV. Mestranda em História Social/ UFF. Orientadora: Rachel Soihet.

<sup>ii</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Edições Paulinas e Loyola, 2004, p. 1608.

<sup>iii</sup> SANTOS, Maria de L. As múltiplas faces de uma Santidade: reflexões sobre a trajetória do conceito de 'Ser Santo'. In: *Estudos de História - Revista do Curso de Pós-Graduação em História. Religião e Religiosidades*. Franca: v. 7, n,1 p. 28.

<sup>iv</sup> Idem, p. 24.

<sup>v</sup> Idem, p. 32.

<sup>vi</sup> CONTI, S. *O Santo do dia*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 9.

<sup>vii</sup> CONTI, S. *O santo do dia*. Petrópolis: Vozes, 1997 Op. cit. p.9.

<sup>viii</sup> Idem, p. 36.

<sup>ix</sup> LACOSTE, Y. op. cit., p. 1206.

<sup>x</sup> ARIAS, Juan. *Rita, a santa do impossível*. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p. 13.

<sup>xi</sup> <[www.netmogi.com.br/roberto/srita/rita.htm](http://www.netmogi.com.br/roberto/srita/rita.htm)>. Acesso em 05/05/2003.

<sup>xii</sup> Utilizo aqui a cronologia adotada por Michela de Giorgio para o século XIX: 1789-1914. Ver, entre outras, as obras *A Era do Capital, A Era das Revoluções e a Era dos Impérios*, de Eric Hobsbawm (Editora Paz e Terra).

<sup>xiii</sup> LARAÑA, Ildelfonso Camacho. *Doutrina Social da Igreja: abordagem histórica*. Tradução de J. A. Ceschin. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p. 47

<sup>xiv</sup> DUBY, G. e PERROT, M. op.cit., p. 230.

<sup>xv</sup> Idem, p. 231.

<sup>xvi</sup> Idem, p. 204.

<sup>xvii</sup> Idem, p. 206.

<sup>xviii</sup> O processo inicial data de 1737. No entanto, ele foi interrompido e retomado várias vezes entre os séculos XVIII e XIX. In: ARIAS, JUAN. *Rita, a santa do impossível*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005, p.16.

<sup>xix</sup> GIORGIO, M. In: DUBY, G. e PERROT, M. op. cit., pp. 207-208.

<sup>xx</sup> A data, nessa nota, pretende informar a localização dessa informação, já que as páginas do livro não são numeradas. In: GUIMARÃES, A. *O livro dos santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000, dia 22 de maio.

<sup>xxi</sup> TEIXEIRA, Aloísio. *Vida de Santa Rita de Cássia*. Aparecida: Editora Santuário, 1995, p. 91.

<sup>xxii</sup> Idem, p. 91.

<sup>xxiii</sup> BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 267.

<sup>xxiv</sup> Idem, p. 271.

<sup>xxv</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 106.

<sup>xxvi</sup> TOLDY, Teresa Martinho (1997). As mulheres na Igreja Católica – luzes e sombras ao longo da história. In: *Revista Theologica*, II série, V. XXXII, Fasc. 2., Braga, 219-245, p. 223.